

MULHER NEGRA E MEMÓRIA NO CONTO “OLHOS D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Wassila Augusto da Silva¹
Maria Aurinívea de Sousa Assis²

RESUMO: A literatura afro-brasileira considerada como uma literatura marginal, afastada dos cânones por valorizar as práticas culturais dos ancestrais e denunciar os diferentes tipos de violência e opressão contra os negros e a população afrodescendentes na sociedade brasileira, tem mostrado um índice de crescimento elevado com diversas publicações ao longo dos anos. A escritora Conceição Evaristo oferece para o seu público uma produção que traz à tona reflexões sobre a violência, principalmente contra as mulheres negras. O presente trabalho tem como objetivo analisar aspectos da memória na construção de trajetórias da mulher negra no conto “Olhos d’água” do livro homônimo da autora. Nessa perspectiva, tomam-se como base de discussão autoras que problematizam a questão da representação, da intelectualidade, da identidade, da memória, assim como da cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: Mulher negra; Memória; Literatura Afro-brasileira, Conceição Evaristo.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo discute a questão da memória e da identidade da mulher negra no conto da escritora Conceição Evaristo, intitulado “Olhos d’água”, primeira narrativa do livro de contos que também dá nome ao livro. O livro é constituído por quinze diferentes contos que narram histórias e situações de mulheres negras no dia-a-dia da sociedade brasileira.

Observando a biografia de Conceição Evaristo, pode-se considerar que a situação de desigualdade social e discriminação racial ficcionalizada nos seus contos torna-se, também, uma forma de partilhar a sua experiência através da escrita, pois a escritora nasceu numa favela da zona sul de Belo Horizonte, em uma família pobre. Foi a primeira de sete filhas, tendo que estudar e trabalhar para ajudar em casa. Alcançou o seu título de Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense em 2011. com o trabalho intitulado. É autora de muitas obras literárias, entre os quais os romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006), os livros de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulher*

¹ Estudante de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Bolsista de Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID).

² Professora Doutora, do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

(2011) e *Olhos D'água* (2014). Possui, também, obras poéticas e várias participações em antologias.

Neste trabalho será feita, inicialmente, uma breve apresentação dos outros quatorze contos do livro e, posteriormente, serão levantadas algumas questões para análise na narrativa “Olhos d’água”.

O segundo conto intitulado *Ana-Davenga*, é uma história marcada por amor e culmina com a morte de Ana e Davenga. Ana era esposa de Davenga, capitão de uma milícia criminosa que fazia “reuniões” com os seus associados dentro de sua casa. Davenga, antes da Ana, namorava uma moça evangélica, filha de pastor, de nome Maria Agonia, que foi morta por não aceitar o pedido dele de morarem juntos, porque não queria um namoro de curtição, mas sim de união com a Maria. O amor não correspondido corresponderia ao feminicídio. No final, Ana também foi morta por policiais juntamente com Davenga, que tentava resistir a prisão.

Duzu-Querença é o terceiro conto do livro, narra a história de Duzu, uma mendiga cujo o sonho de estudar e prosperar na vida não foi realizado. Chegou a cidade com o pai quando era ainda menina, e acabou parando nas casas de prostituição, que se tornou a sua única saída para a sobrevivência, o que tornou a sua vida ainda mais difícil e enganosa. A violência e a hierarquia sobre o corpo da mulher são mostradas abertamente como uma nudez da realidade social das mulheres pobres. A esperança dos seus sonhos floresceu com a sua neta, Querença, que tomou outro caminho de vida, tentando mudar de rumo, estudando e ensinando as crianças da favela.

O quarto conto de Evaristo, *Maria*, é mais uma história da violência contra a mulher negra que vive em situação de pobreza. Maria é empregada doméstica, tem três filhos homens, que, com muita dificuldade, consegue criar. Aparenta não almejar ganâncias, apenas o necessário e justo para os seus filhos. Um dia, levava consigo restos de comidas que ganhou da festa da patroa. Enquanto pega o transporte para sua casa, seu ex-marido aparece, dizendo-lhe sentir saudade do filho e dela. Porém, ele anuncia um assalto no ônibus e Maria acaba sendo acusada de cúmplice. Foi linchada pelos passageiros.

O conto *Quantos filhos Natalina teve?* narra a vida de uma mulher negra que quer ser livre e feliz do seu jeito, sem a interferência de ninguém. A história se desenrola em torno da protagonista Natalina, sendo que o sexo, a maternidade e violência não estão separadas na narrativa. Entre os quatro filhos só desejou criar um, com amor e afeto, sem comprometimento, o filho que é fruto de uma violação sexual que aconteceu num sequestro

por homens estranhos e bandidos e que teve também como consequência a morte do estuprador.

Beijo na face conta as lembranças da protagonista Salinda. Tudo começa depois da viagem à Chã de Alegria e os filhos estavam na casa da tia Vandu, e a Salinda com as lembranças dos dias anteriores na cabeça. Seu marido era extremamente possessivo e vigiava seus passos constantemente por suspeitar de traição. A narrativa destaca o autoritarismo de seu marido e o empoderamento da Salinda ao fugir dele com coragem e confiança, mesmo diante de uma situação potencialmente violenta. Enquanto o marido representava a figura do patriarcado tradicional para o qual o homem é o dono dos destinos da mulher. Salinda mostrava o empoderamento face ao patriarcado, ao violar a suposta regra formada para uma boa esposa, oprimida e recatada.

Luamanda é um conto que apresenta as lembranças eróticas-amorosas da protagonista Luamanda, uma velha de cinquenta anos de idade e cinco filhos, que sentia paixão pela vida e que fazia de tudo para se manter satisfeita. O conto traz uma reflexão profunda sobre a não existência de idade certa de namorar ou de atração. Como pode-se ler nas perguntas que a narradora fez para provocar o leitor: “o amor é terra morta? ”, “o amor é terremoto? ”, “o amor é um poço misterioso onde se acumulam águas-lágrimas? ”, “o amor se guarda só na ponta de um falo ou nasce também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher a outra? ”, “o amor não cabe em um corpo? ”, “o amor é um tempo de paciência? ”, “o amor comporta variantes sentimentos? ” (EVARISTO, 2015, p. 60-63). Toda essa indagação discute a limitação da sociedade em termos de discussão em torno da satisfação do corpo da mulher ou da própria palavra amor. Para se apaixonar ou se sentir atraída amorosamente por alguém a idade não deve ser a prescrição de tudo, pois o importante é a felicidade, é a paz para o seu próprio corpo. Essa independência, trazida no conto, debate que a vida amorosa e sexual da mulher é uma decisão que deve ser feita pela própria mulher, alterando assim o lugar que sempre lhe foi destinado.

O Cooper de Cida traz uma reflexão profunda sobre o tempo que se gasta com as tarefas diárias, na cidade grande. A personagem morava no interior onde a vida era um pouco difícil e lenta no seu ponto de vista. Colocava essa urgência em trabalho duro, sem perceber que estava matando o seu humanismo em se comportar tal qual uma máquina. Nada roubaria o seu tempo que já considerava raro “cursos, estudos somente aqueles que proporcionassem efeitos imediatos. Nada de sala de aulas durante anos e anos e de leituras infinitas” (EVARISTO, 2015, p. 67).

Um dia percebeu que estava ficando mais lenta, não estava velha, mas também percebeu que já não era tão nova. Pela primeira vez conseguiu ter uma profunda reflexão e admiração por si mesma. No final, Cida percebeu que todo o ritmo deve ser controlado, assim como a vida, de um jeito que não prejudique o futuro.

O conto *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos* traz uma abordagem da violência, do tráfico e da pobreza no cotidiano dos bairros periféricos da cidade brasileira. A protagonista Zaíta, uma criança, saiu atrás da sua irmã gêmea à procura da sua figurinha de uma garotinha abraçada em flores, e acabou por perder a vida num tiroteio que tinha na favela entre os policiais e o grupo de tráfico do seu irmão.

No conto, a autora traz à tona a questão da miséria, de desigualdade social. O dinheiro do tráfico pesa muito mais que um trabalho honesto, as mortes dos inocentes e a falta de preocupação do governo para com moradores destas localidades. E a irmã, sem conseguir distinguir a gravidade da situação com a raiva da mãe, gritou pela irmã morta “Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos” (p.76).

Di Lixão é um conto que narra a história de um menino pobre que morava nas ruas e, sem perspectiva de vida, a mãe sempre lhe aconselhava para procurar outro rumo para o seu bem-estar, mas o Di não dava ouvidos a alguém que também estava na condição de pobreza, e acabou por conseguir o apelido de Di Lixão por seu mau costume de chutar latões dos lixos nas ruas. Di Lixão não se importava com a mãe, os conselhos dados eram ignorados, até morrer na rua de uma forma silenciosa por causa de um tumor na boca. Morreu com 15 anos de idade, ainda muito jovem, “O dente de Di Lixão latejava compassadamente. Ele era uma dor só. As dores haviam se encontrado. Doía o dente. Doíam a parte de baixo. Doía o ódio” (p.78).

O conto *Lumbiá* apresenta denúncia dos assassinatos deliberados de crianças nos grandes centros urbanos. O menino negro vendia amendoim e flores nas ruas da cidade e ele foi morto por causa de ter pego uma imagem de presépio de uma loja nos momentos de natal, a imagem de Deus-menino: “O segurança voltou tentou agarrar Lumbiá. O escorregou ágil, pulando na rua. O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus Menino. Amassados, Mascarrados, Quebrados! Deus-menino, Lumbiá morreu!” (p.85-86). A autora, traz mais uma vez a problemática do crime e assassinato das crianças negras, pobres, como o que aconteceu com a *Zaíta* na favela ou com *Di Lixão*.

No conto *Os amores de Kimbá*, a autora traz a questão do amor, além dos padrões sexuais esperados. Kimbá é um jovem negro, cercado por muita miséria. A personagem, ao longo do conto, descreve a angústia de sua realidade social, a vida de poucos recursos ele é

um faxineiro de um supermercado, a família escravizada no trabalho doméstico na casa de pessoas ricas e brancas.

O contexto maior é a questão sexual a ser resolvida entre Kimbá, Gustavo e Beth. Gustavo era um jovem rico, famoso e branco e o melhor amigo de Kimbá, apaixonado por ele e Beth, a melhor amiga de Gustavo. Beth se apaixonou por Kimbá, e Gustavo também. Apesar de Kimbá estava apaixonado apenas por Beth, mesmo assim mantém relações sexuais com Gustavo, “por amizade ou por interesse talvez” (p. 93). Por último, Kimbá decidiu escolher que a morte os separe, envenenara o vinho e morreram juntos.

O conto *Ei Ardoca* apresenta um jovem negro que nasceu dentro de um trem e acaba passando toda a sua vida nele até morrer. Este trem representava toda a vida miserável, lugar no qual assistiu inúmeros assaltos, assassinatos, tráfico e uso de droga nos vagões. Almejava morrer, devido ao desgosto da sua realidade. No final do conto, Ardoca encontra-se quase morto, antes de sair de casa, toma um veneno e decide morrer no trem. Alguns olhares o condenam e uma mulher tenta ajudá-lo comprando-lhe um pouco de água. No final, Ardoca é arrastado para fora do Trem, e é assaltado quando está quase morto.

Agente combinamos de não morrer é devido em diferentes partes que possui vários narradores, apresenta várias vozes. Os narradores são Dorvir, Bica e a mãe. Cada um deles fala do acontecimento da favela. Dorvi lembra do juramento feito com os outros meninos de morros: “Agente combinamos de não morrer”. Estava chorando ao pé de uma lixeira onde jogaram o corpo da mulher que haviam matado. E a segunda parte fala do “medo, coragem, medo, coragemedo, coragemedo de dor e pânico”. Sentiu barulhos de tiros numa festa, e ela lembrou do seu irmão Idago, que morreu na favela a tiros. A terceira parte começa com a mãe de Bica, e Idago, estava a assistir televisão e, do nada, ouve barulhos de tiros, e ela decidiu se fixar na novela que estava assistindo, para esquecer o mundo onde vivia. Teve dois filhos e alguns abortos provocados. Quarta parte do conto se inicia com Bica, lembrando do irmão que morreu. No morro as regas são claras, e o Idago era maldoso, entregava todos os colegas que roubavam merenda. Personagem Dorvi, pensava na vida, violência, morte e exclusão social. O conto termina com Bica dizendo: “Escrever é uma maneira de sangrar”. “Acrescendo: e de muito sangrar, muito e muito...”

Ayoluwa, a alegria de nosso povo, é uma história que aborda o desespero e angústia de uma comunidade e a esperança renovada com o nascimento de uma criança batizada com o nome de Ayoluwa. O povoado se deparava com dificuldades em tudo, onde não chovia mais, a mortalidade dos velhos, jovens e das crianças era em grande escala, a frustração e o desespero por não haver mais nascimento, e em geral, não havia mais perspectiva de vida

dentro da comunidade. A narrativa faz diversas descrições sobre o estado emocional das pessoas dessa comunidade. Afirmando que os velhos e jovens estão tão cansados da vida que rezam pela morte, as crianças choram as lamúrias de seus pais, que desesperançados já não as ouvem e as parteiras por não terem nascimentos, estão fadigadas (p.112-113). O nascimento de Ayoluwa renova a esperança desse povoado e proporciona um novo recomeço.

Depois dessa breve apresentação dos contos, serão discutidos alguns aspectos das noções de Memória e Identidade para pensar a mulher negra e, em especial, para pensar a mulher negra no conto “Olhos d’água”.

2. MEMÓRIA DA MULHER NEGRA

A questão da memória da mulher negra tem sido uma das discussões mais encontradas entre os trabalhos realizados pela crítica sobre obras de autoria de escritoras afro-brasileiras. Tais trabalhos buscam entender a representação da mulher negra no passado histórico da escravidão e, igualmente, nas lutas cotidianas contra a violência e a desigualdade perante essa sociedade de intolerância racial, social e de gênero na qual se acham representadas a maior parte da população, que pouco se encontra na literatura brasileira, e que se destacam os lugares inferiores da sociedade. Nessa perspectiva, Francineide Santos Palmeiras (2010) mostra que,

Nas produções anteriores ao período demarcado, as produções inspiram-se na inferiorização e dependência imposta às mulheres no contexto social. As produções culturais discursivas retratavam a mulher em uma rede social patriarcal na qual as mesmas eram desprovidas de quaisquer direitos políticos (PALMEIRA, 2010, p.1).

De acordo com a autora, o período supracitado se refere ao período antes e durante 1970, a respeito do qual ela considera que não houve muita mudança na contemporaneidade quanto à representação das mulheres negras nos espaços ficcionais no que diz respeito à inferiorização e à submissão perante o sistema social em que o homem sempre é considerado superior. Essa mesma discussão pode ser encontrada no ensaio de Conceição Evaristo (2005), intitulado “Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”:

Partindo dessas primícias, pode ser observado que a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial (EVARISTO, 2005, p. 52)

No discurso da autora, ela explica como ainda é vigente a associação do corpo negro a submissão da vida escravizada, o que limita muitas das vezes a participação dessas nos espaços sociais. Por estas razões, parece ser difícil ler obras das escritoras negras e afrodescendentes sem se deparar com profundas marcas deixadas pelo racismo, os traços e cicatrizes dos maus-tratos causados pela escravatura e sistema patriarcal até então dominante. Tudo isso faz parte da memória coletiva não só incentivada pela escravatura, mas encorajada ao longo do tempo pelas elites. Críticas a respeito disso podem ser encontradas em obras como a de Carolina Maria de Jesus, *O quarto de despejo*, em que a autora recria sua vivência e a sua experiência de vida como negra, pobre e favelada. Também podemos constatar isso na obra de Conceição Evaristo, *Olhos d'água*, no qual ela cria, em minúcias, nos diferentes contos, a vivência cotidiana das mulheres negras nas favelas e nas periferias das cidades brasileira, principalmente no conto intitulado “Maria”, mostrando o grande sacrifício para criar um filho com trabalho miserável e, acima de tudo, rodeado por uma sociedade intolerante, por isso, o surgimento da “escre(vivência)”, um conceito criado pela própria autora que pode ser entendido como escrita por meio da vivência.

Esvre(vi)(vendo)me: ligeiras linhas de uma auto-apresentação. Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio contava, os vizinhos amigos contavam. Eu menina repetia, inventava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia (EVARISTO, 2003, p.1).

Escrever versos ou prosas a partir das próprias vivências, quer dizer lembrar ou ativar das nossas memórias os fatos passados que julgamos ter acontecido, o que muitas das vezes são preenchidas com ficções. As memórias individuais ou de um povo podem ser consideradas muito importantes na reconstrução de um passado histórico como forma de garantir um presente mais seguro. Assim, conforme Amanda Ferreira (2013), A memória é a

nossa capacidade de relembrar tudo que já vivenciamos no passado, com a possibilidade de aprender com ele ou conservá-lo como um meio para a construção de uma identidade.

Em conformidade com a autora, a construção de um povo e de sua história dá-se, essencialmente pelo o uso da memória como um elemento indispensável que pode possibilitar o reconhecimento e a aceitação do indivíduo de sua condição, assim como a reconstrução da identidade deste, através de elementos ou ambientes que fazem parte da sua história: espaço, ambiente, família, comunidade, língua, etc. Depois de acessá-lo é possível recuperá-lo e apreender com os seus valores. Ainda,

Para Halbwachs, nossa memória é construída coletivamente, ou seja, aquilo que lembro fruto da minha relação com o meio em que vivo, são memórias não só minhas, mas de minha família e comunidade, de meus amigos e grupo social. Aquilo que lembro, é construído e corroborado pelas lembranças do grupo a que faço parte. Quando vamos a um lugar pela primeira vez, por exemplo, não chegamos completamente vazios, mas, temos uma noção do que nos espera, pautados nas lembranças de outras pessoas sobre o local (FERREIRA, 2013, p.19).

Para esta autora, a memória é compartilhada entre membros da mesma comunidade, por isso, é coletiva, porque ninguém nasce e vive sozinho, mas sim no meio de uma comunidade de fala, de costume e de cultura, na qual aprende a ser pessoa com um certo carácter e determinação, e com certos conhecimentos morais e espirituais. Nessa circunstância, o indivíduo aprende não só com as atividades e costumes do seu cotidiano ou da sua época, mas também com atividades, rituais e costumes dos antecessores, recebendo, aguardando e transmitindo as memórias para gerações novas. A memória da escravatura, por exemplo, que é um marco indelével na história da humanidade e principalmente no território brasileiro em questão, ainda está presente na sociedade, por isso, a autora afirma que a memória é coletiva, porque a nossa geração não presenciou estes fortes abusos físicos, mas ainda se sente marcada por ele, pois até agora tem fortes repercussões na nossa sociedade.

A produção das mulheres negras, desde então, tem sido questionada em relação às suas pe, que, muitas das vezes, acabam por afetar o julgamento no que diz respeito a suas intelectualidades, colocando em descrédito suas literaturas. Com base na observação de algumas obras literárias de escritoras negras, é possível notar um certo espírito de vontade demonstrado a cada dia, colocando em pauta as ideias sobre essa sociedade assim como provando cada uma a sua capacidade como, por exemplo, a escritora considerada menos instruída, Carolina Maria de Jesus, que com suas obras provou que é possível fazer algo mesmo com poucos meios, “na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia

branca toda a cultura atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito” (HOOKS, 2005, p.468).

3. OLHOS D'ÁGUA

Olhos d'água é uma narrativa que busca trazer em tona vários questionamentos através da cor dos olhos de uma mulher, mãe, negra e pobre, abordada por uma narradora-personagem que também se encontra na condição de mulher negra e protagonista da história, subjetivando todos os acontecimentos da narração. Este conto é muito significativo no que diz respeito à reflexão sobre desafios enfrentados pela classe desfavorecida, principalmente das mulheres negras nos becos das cidades brasileiras. É um conto no qual a narradora procura estabelecer ligação, desde o título, com a imagem dos olhos para consolidar a **musicalidade** nele arquitetado.

O conto começa com a protagonista questionando sobre a cor dos olhos da sua mãe. O bloqueio entre elas é marcado com a distância, que não só pode representar o afastamento entre os territórios dos centros urbanos e rurais, assim como a representação de um salto significativo no perfil da protagonista e um pouco esquecimento do lugar de pertença, que se pode ver na sua fala: “atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali” (EVARISTO, 2015, p.15), disso, pode ser visto, também, como um distanciamento da própria cultura ou da identidade, o que posteriormente é reencontrada, no final da narração, “E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? ”(p.18). Nem sempre é satisfatório o que vamos encontrar ao retornar, mas sempre vale à pena se sentir em casa e reconhecida.

Os sentimentos da amargura, da tristeza e da miséria vivida por sua mãe durante toda a sua vida se esconde nos olhos, por isso, custava a protagonista relembrar de que cor eram aqueles olhos, pois a memória não está mais ilesa com a mistura dos acontecimentos no tempo, assim como do espaço.

Se nossa memória é construída por meio das experiências que temos com o meio e se nos lembramos do passado, estando no presente, a noção de memória como conservação total do passado não consegue se manter, visto que a nossa percepção do passado não é a mesma do presente, mudamos de grupo, mudamos nossa forma de pensar, de “encarar” a realidade nossa forma de enxergá-la, nossos valores, enfim, o lembrado acaba se

modificando com o tempo e não chega “ileso” até o presente, no momento da lembrança (FERREIRA, 2013, p.19).

Com a frequente mudança no nosso perfil, quer intelectual, físico ou do ambiente onde se reside, pode interferir bastante nas nossas memórias mais antigas, o que gera um outro significado a ela. Nessa ótica, o olhar da protagonista, que já é uma mulher adulta, não poderia ser mais a mesma em relação a tudo que passou. Sair das periferias para a cidade grande mudaria a sua concepção das coisas, os acontecimentos ficariam mais intensos, a leitura que se faz das pessoas multiplicaria, e o próprio conceito que tinha da vida mudaria.

A narrativa traduz também as dificuldades de ser mulher e negra na sociedade na qual as desigualdades comprovam e delimitam o lugar dos brancos e dos negros. É evidente as marcas da pobreza presente no próprio corpo, por exemplo, das unhas encravadas da mãe, da verruga na cabeça, do dedo mindinho e as expressões da tristeza. “Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía” (p.17). A protagonista saiu muito cedo de sua casa em busca de melhores condições de vida, uma tentativa de saída da miséria vivida na periferia.

Em toda a história, não constatamos a presença de nenhum homem, mas sim de três figuras femininas: a narradora-protagonista, sua mãe, a respeito da qual foi desenrolado o questionamento sobre a cor dos olhos e sua filha, que fecha o conto, assim, representando três gerações de mulheres negras.

A cor dos olhos da mãe, que é apresentado no conto parecendo com cor dos olhos das “águas de Mamãe Oxum”, é uma representação da identidade das mulheres negras nas suas lutas e resistências para ocupação dos lugares aos quais são impedidas na sociedade, pois, em muitas mitologias do surgimento do mundo, a mulher aparece sempre como subalterna ao homem. A mulher é relegada aos trabalhos que envolvem a natureza e os âmbitos domésticos, enquanto o poder e a liderança ficam com os homens. A divindade associada à masculinidade, em muitas culturas, relega a mulher ao campo do não divino, portanto, não legitimado sem o braço e a força masculina.

Paulina Chiziane traz um questionamento quanto à divindade associada à masculinidade: “Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher (CHIZIANE, 2013, p. 200).

Esse questionamento da Chiziane, de que se Deus fosse mulher a sociedade seria mais justa e igualitária, também constitui a preocupação deste estudo, pois isso é coisa que não se pode saber se aconteceria, porque para a obtenção e manutenção do poder, implica em violência e injustiça. Então, se Deus fosse mulher, pode ser que a sociedade continuasse hierárquica, sob uma lógica controversa da superioridade de um sexo sobre outro.

Numa das suas entrevistas no programa *50 Mais CBN*, Conceição Evaristo declarou que a sua paixão pela escrita começou exatamente a partir das expressões da mãe nos seus momentos tristes ficava imaginando diversas histórias através do rosto dela. Por isso, é notável as denúncias que faz na sua literatura partindo da sua vivência com sua mãe. O poema intitulado *De mãe*, publicado em 2008, no livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, declarou o seguinte:

O cuidado de minha poesia
aprendi foi de mãe,
mulher de pôr reparo nas coisas,
e de assuntar a vida.

A brandura de minha fala
na violência de meus ditos
ganhei de mãe,
mulher prenhe de dizeres,
fecundados na boca do mundo

(...) (EVARISTO, 2008).

A partir desse fragmento do texto, pode-se entender de que a voz do eu-lírico feminino não só inspirou a sua escrita na mãe, mas também aprendeu tudo que sabe com. A educação informal, a oralidade são saberes que ajudam a aprender a conviver com a sociedade. Imagine quando esses saberes são aproveitados e transformados em escrita, como faz a Evaristo?

No entrelaçamento dos acontecimentos, podemos considerar a memória como o principal banco de dados usado para a construção dessa narrativa, a partir da qual é possível entender a história que marca o caminho de uma geração a outra. O poema *Vozes-mulheres* discute a respeito dessa ideia de sucessão de gerações de mulheres negras que sofreram diversos tipos de violências e que começam a reescrever suas trajetórias:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos

de uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela.
 A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 o eco da vida-liberdade (EVARISTO, 2008).

O poema faz uma crítica-denúncia dos eventos que acalentam os gritos de sufoco registrado há muitos séculos até agora. Evaristo sempre busca conjugar o passado, o presente e ainda o agora/futuro, igual ao fez no *Olhos d'água*, os seus olhos e os olhos da sua filha. As três gerações lutaram contra a escravatura, contra a discriminação racial, contra o preconceito, contra o extermínio dos negros e, sobretudo, contra a pobreza.

Nessa circunstância, podem-se constatar algumas lembranças no decorrer da narrativa, rememorando a infância da mãe, o que pode ser confundido com a própria infância da protagonista e, possivelmente, com as da sua filha.

Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância (EVARISTO, 2015, p.16).

Essa é uma das técnicas principais da autora, a sua escre(vivência). A sua literatura está centrada nos problemas e luta da população negra e afro-brasileira, e nunca foge dessa responsabilidade, por isso, realça não só a pobreza, as dificuldades ou as resistências. A personagem da mulher negra assume, muitas vezes, o protagonismo, mostrando o conhecimento, a experiência que a autora possui com o assunto narrado.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p.2).

Conceição Evaristo, nessa sua escre(vivência), mostra que a luta nem sempre deve ser travada com a arma e a violência. Por isso, mesmo ardendo o peito no momento da escrita de duras realidades dos marginalizados, sentia-se levada a escrever, pois a escrita é um meio por onde é possível ser ouvida para além das fronteiras.

Como se pode ver na citação anterior a este, o conto traz à tona a questão da pobreza extrema e a sua permanência ao longo das gerações. Quando os pais são analfabetos, os filhos têm mais probabilidade de continuarem analfabetos, porque o sistema sempre dificulta a inserção da população negra desfavorecida de lugares privilegiados da sociedade, limitando suas aprendizagens para não permitir a ampla visão crítica. Nessa situação, é mais provável às jovens gerações negras a continuidade de vida dos pais, quer cultural, político ou econômico.

A narrativa contribui bastante para uma reflexão acerca dos problemas debatidos hoje em dia sobre o racismo, a questão do gênero, a desigualdade social, a intolerância religiosa e tanto quanto da ancestralidade afro-brasileira.

A figura da mulher e mãe encontrada no conto tem uma representação muito forte das mulheres batalhadoras que passam a vida tentando dar o melhor para a subsistência dos filhos. Isso, pode ser encarado como uma crítica social sobre a situação em que as mulheres negras vivem e criam seus filhos sem muita assistência do Estado com relação a uma boa educação ou saúde. A dificuldade e a luta pela sobrevivência registram os ciclos mais dolorosos que podem ser claramente vistos nos corpos, como, por exemplo, no trecho em que a narradora diz:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva.... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos da minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela? (EVARISTO, 2015, p. 17-18).

Este trecho mostra a ternura e a angústia de uma mãe que almejava um futuro bom para os filhos, no entanto, por causa da pobreza extrema que sempre vivenciou, criou suas filhas no barraco, o qual apresentava o indício de insegurança e podia desabar a qualquer momento sobre elas, também, marca as denúncias das desigualdades sociais enfrentadas durante séculos, de modo que, levam muitos a viverem nas ruas, nos barracos e nos lugares menos dignos para um ser humano, enquanto outros tem riquezas até de sobra. Essa situação de pobreza extrema se relaciona mais a população negra, uma vez que, ainda é vista como descendentes dos africanos, portanto, considerados inferiores, portanto não merecem uma boa educação ou participar no centro dos debates e nos lugares de decisão.

Na cena mencionada no conto, é fácil entender a força incorporada pela mãe, mesmo sem possuir condições próprias de segurança, protegia suas filhas a todo custo, mas num rumo semelhante ao da natureza, já que não tinha recursos, por isso rezava, pedia e lamentava.

O ritmo e a musicalidade aumentam a intensidade do acontecimento, “Chovia, chorava! Chorava, chovia! ”, são as passagens que podem levar o leitor a sentir-se o mesmo por um instante. Suas lágrimas eram confundidas, fundiam-se com as águas da natureza, porque tinha uma sincronia perfeita que a filha não podia distinguir. Como a nuvem deixava cair gotas de água para dar vida às coisas da terra, assim a mãe deixava cair lágrimas do seu olho para proteger e dar vida as suas filhas, que nem conseguiam ter uma adolescência igual as outras meninas das suas idades, aquilo que poderia levá-las a seguir o mesmo curso da vida da mãe, como se lê no trecho abaixo:

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprende a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias (EVARISTO, 2015, p. 16).

Nunca foi fácil nascer mulher, negra e ainda pobre numa sociedade com índice de preconceito racial e de desigualdade social elevado. Nessa circunstância, ajudar a família nas despesas de casa sempre será vista como prioridade máxima, em relação as atividades

infantis. Isso leva uma criança a crescer psicologicamente mais rápido do que normal, porque acaba lidando mais com assuntos dos adultos do que da sua idade.

No final do conto, podemos acompanhar o retorno da protagonista ao lar, à periferia na qual conseguiu reencontrar com o seu passado, o espaço, assim como o tão esperado encontro e revelação da cor dos olhos da sua mãe, “(...) Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. (...) A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água” (p.18). Uma revelação que pode não ser o desejado para a personagem, mas era preciso, pois o retorno não servia apenas de uma simples revelação da cor dos olhos da mãe, como também a reconexão à origem e à continuidade da luta iniciada por gerações passadas. “Abraçei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas” (p.19), essa mistura, significa um elo entre elas ou da história que as une.

Como foi destacado a continuidade da resistência entre gerações das mulheres no poema *Vozes-mulheres*, anteriormente citado, a mesma se destacou nesse conto, com a cor dos olhos de três gerações das mulheres, “Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha” (p.19), que não só carrega o fardo da luta, mas também a esperança da conquista para outra geração.

Ainda no conto, pode-se acompanhar a representação da ancestralidade que garante o comprometimento com a cultura e com a linhagem negra descendente da África, que travam lutas e orquestram revoluções ao longo dos séculos. E a viagem de volta da personagem, mostra um elo entre o passado histórico e o presente, discutido anteriormente. Essa retomada não só serviu de consolo para a protagonista, em poder realmente confirmar a cor dos olhos da mãe, mas também de reconexão com os ancestrais, “Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos e minha mãe” (p.18).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta travada durante séculos pelos povos negros e afrodescendentes com relação à desigualdade racial, de gênero, a luta pelos lugares na sociedade os quais são impedidos de ocupar, tem sido temas que impulsionam a escritora Conceição Evaristo, dando continuidade, com a sua escre(vivência) poética, à uma literatura que denuncia fatos ocorridos diariamente na sociedade brasileira. O conto “Olhos d’água”, que é o objeto principal deste trabalho, a

respeito do qual se analisou a questão da memória e da mulher negra, revela a situação de desigualdade social e cultural na qual a miséria configura-se como uma problemática para diversas reflexões sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. In: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e africana na UFF, vol. 5, nº10, Abril de 2013.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas editora, 2015.

_____. **Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira**. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, 2005, p.52-57.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. **Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia, 2005.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira**: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Programa de Pós-Graduação em Letras - Pós-Lit, 2013.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**: Estudos feministas, Florianópolis, v.3, n.2, p.464-478, ago/dez. 2005.

PALMEIRA, Francineide Santos. **Escritoras negras e representações de insurgência**. Fazendo gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos: 23 a 26 de agosto de 2010.